



CELCAM
Centro de Estudos de Línguas e Culturas Ameríndias
IEL – Instituto de Estudos da Linguagem

**WORKSHOP DA ÁREA DE LÍNGUAS INDÍGENAS DA PG DO IEL -
UNICAMP**

12-13 de novembro de 2009

PROGRAMAÇÃO

E

RESUMOS

Lucy Seki
Coordenadora-CELCAM

Wilmar D'Angelis
Vice-Coordenador-CELCAM

Angel Corbera Mori
Organizador do Evento

PESSOAL DE APOIO
Doutoranda: Kátia N. Pessoa
Mestranda: Nayara da Silva Camargo

CAMPINAS, SP/2009

PROGRAMAÇÃO: 12/11**LOCAL: AUDITÓRIO DO IEL**

	<i>ABERTURA</i>
9h-9h30	Apresentações: CELCAM: Lucy Seki Wilmar D' Angelis WORKSHOP: Angel Corbera Mori
	<i>PALESTRA</i>
9h30-10h30	Lucy Seki (CELCAM-IEL/CNPq) Aspectos da estrutura de uma narrativa kamaiurá
	<i>COMUNICAÇÕES</i>
10h30-11h	Coordenação: Wilmar D' Angelis (CELCAM/IEL/UNICAMP) Eduardo Alves Vasconcelos (PG-IEL/UNICAMP) Apontamentos sobre as listas de palavras de Santana do Paranaíba
11h-11h30	Kátia N. Pessoa (PG-IEL/UNICAMP) Os segmentos consonantais nasais em Krenak: características fonéticas
11h30-12h	<i>INTERVALO</i>
12h-12h30	Nayara da Silva Camargo (PG-IEL/UNICAMP) Aspectos fonológicos da língua tapajúna-goronã
12h30-13h	Wilmar D' Angelis (CELCAM-IEL/UNICAMP) Coroado da aldeia da Pedra: análise fonológica sincrônica de um vocabulário Macro-Jê do século XIX
13h-15h	<i>ALMOÇO</i>
15h-15h30	Coordenação: Mônica Veloso Borges (UFG/FL) Denise Silva (PG-UNESP/FCLAr) Considerações iniciais sobre o estudo lexicográfico da língua terena
15h30-16h	Mônica Veloso Borges (UFG/FL) Projeto “Estudos sobre o léxico da língua ava-canoeiro (Tupi-Guarani): uma proposta de dicionário” – Primeiros resultados
16h-16h30	Cristina Martins Fargetti (UNESP/FCLAr) Demografia Juruna: Questões de identidade e vitalidade linguística
16h30-17h	<i>INTERVALO</i>
17h-17h30	Coordenação: Cristina Martins Fargetti (UNESP/FLCAr) Emerson Carvalho de Souza (PG-IEL/UNICAMP) Aspectos morfossintáticos da língua arara (Pano)
17h30-18h	Graziela de Jesus Gomes (PG-IEL/UNICAMP) Morfemas descritivos de tempos verbais em Huariapano-Pano
18h-18h30	Gláucia Vieira Cândido (UEG/GICLI) A escrita do povo indígena shanenawa-pano

PROGRAMAÇÃO: 13/11**LOCAL: AUDITÓRIO DO IEL**

	<i>COMUNICAÇÕES</i>
9h-9h30	Coordenação: Solange Aparecida Gonçalves (PG-IEL/UNICAMP) Adriana Estevam (CELIA/CNRS/Paris 7) “Transitivos indirectos” em Xavante: voz antipassiva, derivação ou composição?
9h30-10h	Maria Sueli Ribeiro da Silva (PG-UNESP/S.J. Rio Preto) Uma análise descritiva funcional de sentenças na língua kaingang paulista
10h-10h30	Talita Rodrigues da Silva (PG-USP) Descrição e análise dos adjetivos e dos advérbios da língua pykobjê-gavião
10h30-11h	<i>INTERVALO</i>
11h-11h30	Selvino Kókaj Amaral (Prof. Kaingang da T.I. de Guarita, RS) Solange Aparecida Gonçalves (PG-IEL/UNICAMP) Os advérbios na língua kaingang: uma proposta de descrição
11h30-12h	Eduardo Gómez-Pulgarin (UNAL-Colômbia) Formas de tratamento e construção das relações temporais em relatos míticos Tikuna
12h-14h30	<i>ALMOÇO</i>
14h30-15h	Coordenação: Angel Corbera Mori (IEL/UNICAMP) Antônia Pereira (UFPA) A oração complemento na língua asurini do Xingu
15h-15h30	Quesler Fagundes Camargos (G.IC. FALE/UFMG) Fábio Bonfim Duarte (FALE/UFMG) Para onde foram os adjetivos em Tenetehára?
15h30-16h	Hilda de Souza Alguns aspectos da gramática da língua kinikinau (Aruák
16h-16h30	<i>INTERVALO</i>
16h30-17h	Angel Corbera Mori (IEL/UNICAMP) A nasalidade de vogais em Waurá e Mehináku
17h-17h30	Adriana Viana Postigo (PG-UFMS) Estudos sobre a fonologia da língua guató (Macro-Jê)
	<i>ENCERRAMENTO</i>

PARTICIPANTES

Adriana Estevam

Adriana Viana Postigo

Angel Corbera Mori

Antônia Pereira

Cristina Martins Fargetti

Denise Silva

Eduardo Alves Vasconcelos

Eduardo Gómez-Pulgarin

Emerson Carvalho de Souza

Gláucia Vieira Cândido

Graziela de Jesus Gomes

Ilda de Souza

Kátia N. Pessoa

Lucy Seki

Maria Sueli Ribeiro da Silva

Mônica Veloso Borges

Nayara da Silva Camargo

Quesler Fagundes Camargos

Selvino KÓJAJ AMARAL

Solange Aparecida Gonçalves

Talita Rodrigues da Silva

Wilmar R. D'Angelis

RESUMOS DAS PALESTRAS E COMUNICAÇÕES

“TRANSITIVOS INDIRETOS” EM XAVANTE: VOZ ANTIPASSIVA, DERIVAÇÃO OU COMPOSIÇÃO?

Adriana ESTEVAM (CELIA/CNRS/Universidade Paris 7)
(adrianame@wanadoo.fr)

O objetivo deste trabalho é apresentar uma classe de verbos em Xavante que chamamos de “transitivos indiretos”. Num primeiro tempo, olharemos para as características dos verbos transitivos e intransitivos, que definiremos segundo a flexão verbal e a expressão sintática de seu(s) argumento(s). Veremos, então, como podemos distinguir uma classe de verbos “transitivos indiretos”, em função das propriedades que eles têm em comum com os verbos transitivos e intransitivos. Num segundo momento, uma observação da morfologia destes verbos mostrará que eles têm um radical complexo, constituído pela raiz verbal e um morfema *roP-*. Mostraremos que certos dados oferecem a possibilidade de analisá-lo como um marcador de voz antipassiva; em outros exemplos, porém, a prefixação deste morfema nos parece mais semelhante a um processo de derivação de um novo lexema verbal. Concluiremos com a hipótese de que a origem destes processos tenha sido um caso de composição entre um radical verbal e o radical nominal *roP-*.

ESTUDOS SOBRE A FONOLOGIA DA LÍNGUA GUATÓ (MACRO-JÊ)

Adriana Viana POSTIGO (PG-UFMS)
(viana.postigo@gmail.com)

A realização desse trabalho enquadra-se nas preocupações atuais em relação às línguas indígenas ameaçadas de extinção. Esse estudo é resultado da pesquisa “Fonologia da língua Guató” que teve por objetivo apresentar alguns aspectos fonológicos dessa língua, falada por poucos indígenas de Mato Grosso do Sul. Realizamos trabalho de campo para comparação e revisão de pesquisas anteriores, ampliação dos dados e análise fonológica. Os pressupostos teóricos fundamentam-se na teoria autosegmental, com o uso da geometria de traços proposta por Clements; Hume (1995). O trabalho está subdividido em quatro partes: I. Povo e língua guató; II. Descrição dos segmentos, no qual apresentamos as consoantes e vogais, com os fones e fonemas; III. Estrutura silábica, com a identificação dos padrões silábicos CV e V, a distribuição de sílabas na palavra e a ressilabificação; IV. Processos fonológicos e morfofonológicos, no qual são apresentados os processos de epêntese de [j] e [dʒ], elisão de [a], [o] nos morfemas {mà-} e {gò-}, apagamento de [j] diante de vogal anterior alta [i] e assimilação regressiva do traço de nasalidade. Assim, esses estudos visam contribuir para o conhecimento das línguas indígenas brasileiras e, também, corroborar para a valorização da língua e cultura Guató.

A NASALIDADE DE VOGAIS EM WAURÁ E MEHINÁKU

Angel CORBERA MORI (IEL-UNICAMP)
(angel@unicamp.br)

Em esta comunicação tecemos uma breve comparação da nasalidade de vogais nas línguas waurá e mehináku (família Arawák), faladas por dois povos que habitam o Alto Xingu, no Parque Nacional do Xingu. Nessas línguas, as vogais recebem dois tipos de

nasalidade, que, com base no trabalho inicial de Jackson e Richards (1966), chamar-nos-emos de a) ‘nasalidade fraca’, e b) ‘nasalidade forte’. No primeiro caso, a nasalidade das vogais resulta da contaminação das consoantes nasais primárias, como em:

a)	<i>Waurá</i>	<i>Mehináku</i>	<i>Glosa</i>
	ʔã'nãʔ	'ãã	'pilão'
	nũtaiʔ	nũ'tai	'corda'
	mã'kulaʔ	mã'kula	'panela de barro'

No segundo tipo, a nasalidade seria uma característica inerente das vogais, pois não se registram consoantes nasais para se assumir que elas sejam as engatilhadoras do processo de nasalidade, como em:

b)	<i>Waurá</i>	<i>Glosa</i>	<i>Mehináku</i>	<i>Glosa</i>
	pi-ki'tsĩ	'teu teto'	'wãjũ	'chocoalho'
	'ũũtai	'lagartija'	'ĩntai	'arco'
	'tjẽhĩ	'faca'	i'rã	'pau seco'

Em casos do tipo (a) a nasalidade é previsível, pois a vogais ocorrem contiguas as consoantes nasais. Já nos exemplos em (b), vê-se que a nasalidade independe da presença das consoantes nasais. Na base de dados como os citados, na presente comunicação pomos em questão o tratamento fonético e funcional da nasalidade das vogais em waurá e mehináku.

A ORAÇÃO COMPLEMENTO NA LÍNGUA ASURINI DO XINGU

Antônia PEREIRA (UFPA)

(antoniapereira1@yahoo.com.br)

Este trabalho objetiva apresentar como é formada a oração complemento na língua Asurini do Xingu. Essa língua, conforme classificação de Rodrigues (1986), pertencente à família Tupi-Guarani, grupo Tupi. Nessa língua, a oração complemento estrutura-se a partir da afixação de nominalizadores à raiz verbal. Após esse processo, a oração nominaliza-se e passa a desempenhar a função de argumento de outra oração. Os afixos envolvidos na nominalização desse tipo de oração são os que aparecem a seguir: {-tap}, {-ama'e}, {-tat} e {-emi}. O uso de um ou outro nominalizador está estritamente relacionado à natureza do complemento nominalizado. Os argumentos nesse tipo de oração são expressos através de pronomes clíticos ou nominais e relacionais. Assim, sujeitos e objetos são expressos da mesma forma, isto é, não existe um critério morfológico que faça distinção entre sujeito e objeto na oração complemento, tampouco existe distinção formal entre os diferentes tipos de sujeito, como existe nas orações independentes. A codificação da terceira pessoa nesse tipo de oração se distingue da codificação das demais pessoas: enquanto a primeira e a segunda pessoa são codificadas por pronomes clíticos e relacionais, a terceira pessoa não aceita um nominal ou pronome clítico e o prefixo {i-} simultaneamente, sendo este co-referencial com o nominal ou pronome clítico.

DEMOGRAFIA JURUNA: QUESTÕES DE IDENTIDADE E VITALIDADE LINGÜÍSTICA

Cristina Martins FARGETTI (UNESP/FCLAr)
(cmfarget@gmail.com)

Serão apresentadas questões lingüísticas observadas quando da realização do censo demográfico do povo juruna, em julho de 2008. Tal povo vive no Parque Indígena Xingu, Mato Grosso, Parque Indígena Xingu, MT, em sete aldeias, próximas à BR-80, na região do Baixo Xingu (Tubatuba, Matxiri, Pequizal, Paqsamba, Pakayá, Pakajá, Mupadá) e em dois postos indígenas na mesma região (Posto Diauarum e Posto Piarachu). A população juruna era estimada em 241 pessoas em 2001, mas hoje, após o último censo, observa-se aumento significativo, devido a inúmeros nascimentos e baixa taxa de mortalidade. Utilizamos o termo “juruna” para denominar tanto o povo quanto a língua (família juruna, tronco tupi) por ele falada, mesmo sabendo que existe uma autodenominação: yudjá. As informações que apresentaremos são relativas às pessoas consideradas pertencentes à etnia juruna, habitantes do Parque Indígena Xingu. Não foram computados os dados, obviamente, dos juruna que habitam o Pará. Os critérios para identificação de quem é considerado membro da etnia foram dados pelos próprios juruna, e serão discutidos. O censo demográfico seguiu a metodologia da abordagem por casa e traz questões sobre a situação lingüística futura do povo, as quais serão abordadas. Segundo dados de Adalbert da Prússia, a população juruna, no século XIX, era estimada em 2000 pessoas. Sofreu decréscimo evidente, devido a conflitos e a relações hostis com outros povos, a conflitos com seringueiros, a contágio de doenças, entre outros motivos. Assim, no final da década de 1960, era estimada em quase 50 pessoas, de característica jovem, devido à morte dos mais velhos, nos conflitos referidos (cf. Oliveira, 1970). No início da década de 1990, a população havia crescido para 120 pessoas, aproximadamente. Em nosso censo, de 2001, foi verificada uma população em torno de 240 pessoas (cf. Fargetti, 2007). Comparando-se os dados de 2001 com os atuais, observa-se um crescimento vegetativo positivo da população, pois, ainda que não haja dados oficiais sobre o total de óbitos no período, observa-se uma taxa de fecundidade, em geral, bem superior a dois filhos por mãe. Contudo, observa-se significativo desequilíbrio entre o número de homens e mulheres jovens (até 12 anos), cujas possíveis implicações sociolingüísticas serão discutidas.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE O ESTUDO LEXICOGRÁFICO DA LÍNGUA TERENA

Denise SILVA (PG. UNESP/FCLAr-CAPES)
(denisemiranda83@gmail.com)

Este trabalho é um recorte do projeto de pesquisa “Estudo lexicográfico da língua Terena: proposta de um dicionário bilíngüe terena-português”. Tal proposta apresenta relevância para a comunidade terena, uma vez que colabora com a documentação e revitalização de sua língua. Embora a língua Terena tenha alguns estudos esparsos, carece de uma melhor descrição, documentação e análise. Afinal, como têm demonstrado vários pesquisadores, o conhecimento das línguas indígenas permite entrar em contato com fenômenos distintos, muitas vezes só existentes em tais línguas, o que colabora para melhor compreender a linguagem humana, e também para avaliar propostas teóricas nesse sentido, que se queiram abrangentes. O projeto tem como objetivo estudar o léxico da língua Terena, defini-lo e organizá-lo em forma de

dicionário bilíngüe: Terena-português. Para tanto elegemos como suporte teórico Dapena (2002), Borba (2003), Landau (1989), Haensch et al (1982), Welker (2004) e Carvalho (2001). Neste trabalho apresentaremos a análise do dicionário existente, as justificativas para a elaboração de uma nova proposta, a metodologia que será utilizada na coleta e análise dos dados e a base teórica. O projeto encontra-se em fase inicial, com uma discussão interessante a ser compartilhada

APONTAMENTOS SOBRE AS LISTAS DE PALAVRAS DE SANTANA DO PARANAÍBA

Eduardo Alves VASCONCELOS (PG-IEL. Bolsista FAPESP, Processo nº 2008/10995-1)
(dudualves@gmail.com)

Sobre a língua que foi falada pelos Cayapó do Sul há somente listas de palavras coletadas por viajantes – Pohl e Saint-Hilaire em São José das Mossâmedes – ou por moradores de vilas próximas as suas aldeias – Lemos da Silva, Kupfer (em Santana do Paranaíba) e Nehring (Piracicaba). Há ainda uma lista do triângulo mineiro coletada pelo agrimensor Alexandre Barbosa. Este estudo tratará das listas de palavras coletadas em Santana do Paranaíba, atual município de Paranaíba-MS, por Lemos da Silva e Kupfer. O primeiro esteve na aldeia Cayapó para subsidiar seu relatório sobre a história da vila, o segundo foi um farmacêutico alemão que se fixou nesta região. Assim, serão levantadas hipóteses sobre como era pronunciada essa língua a partir da ortografia utilizada no registro – Lemos da Silva registrou a língua em ortografia portuguesa e Kupfer em ortografia alemã – e também hipóteses sobre como se organizava o seu sistema fonológico. As listas apesar de serem de aldeias diferentes foram coletadas em datas próximas e na mesma região – margens esquerdas do rio Paranaíba.

FORMAS DE TRATAMENTO E CONSTRUÇÃO DAS RELAÇÕES TEMPORAIS EM RELATOS MÍTICOS TIKUNA

Eduardo GÓMEZ-PULGARIN (UNAL-COLÔMBIA)
(eduardogomez81@yahoo.com)

Os mitos do povo tikuna ganham vida nas palavras dos idosos e narradores de histórias, com seu jeito particular de se aproximar do público e de organizar as informações do relato, incluindo experiências pessoais, alusões a passagens míticas e reflexões sobre o aqui e o agora. Nossa análise se centra em duas narrações em língua tikuna (isolada) compiladas em momentos e em zonas diferentes da Amazônia: Santa Rosa de Loreto (Peru-1989) y Arara (Colômbia-2008) e focaliza recursos lingüísticos que marcam a interação entre o narrador e o público e as relações passado-presente. Sendo assim, levamos em consideração especialmente as formas de tratamento e os paradigmas morfológicos indicativos das relações temporais. A descrição destes elementos nos permite divisar algumas das estratégias usadas pelo narrador para diferenciar passagens míticas de eventos do presente, assim como para construir sua autoridade frente ao próprio discurso.

ASPECTOS MORFOSSINTÁTICOS DA LÍNGUA ARARA (PANO)

Emerson Carvalho de SOUZA (PG-IEL/UNICAMP)
(cs.emerson@gmail.com)

O grupo Jamináwa-Arara está localizado no rio Bagé, na região do alto Juruá, estado Acre. Na comunidade, encontram-se aproximadamente 180 habitantes, vivendo em três

aldeias: São Sebastião, Siqueira e Buritizal. Atualmente, muitos nativos migram para as cidades, deixando de lado os seus costumes tradicionais, entre eles o uso da língua de seus antepassados. Vale à pena mencionar que a língua investigada neste local é a Arara pertencente à família lingüística Pano. A propósito, da língua, poucos falam o idioma e mesmo com o domínio do Português na aldeia, há um esforço dos índios para documentar a língua, pois ela se encontra em processo acelerado de extinção. Neste sentido, empenhamos em descrever aspectos da gramática Arara e ora apresentamos alguns processos morfossintáticos da língua, tais como as construções interrogativas, coordenadas, subordinadas e construções de complemento; além destes tópicos ainda enfatizaremos a realização e apagamento de argumentos do verbo em orações coordenadas. Para elaboração de nossos estudos, buscamos suporte em Greenberg (1966), Givón (1984, 1990), Cunha (1993) e Cândido (2004).

A ESCRITA DO POVO INDÍGENA SHANENAWA PANO

Gláucia Vieira CÂNDIDO (UEG/GICLI)

(glaucia.v@uol.com.br)

Nesta comunicação, apresentarei algumas reflexões sobre a experiência de consultoria lingüística que venho prestando às comunidades Shanenawa-Pano por ocasião da implantação do sistema de grafia e de elaboração de material didático para a educação indígena. Assim, relatarei cronologicamente a situação da língua em termos de oralidade *versus* escrita, com ênfase sobre a dificuldade dos professores indígenas de implantarem por iniciativa própria o ensino da língua materna nas aldeias. A seguir, discutirei as convenções lingüísticas dos Shanenawa, fazendo menção ao histórico autoritarismo em eventos de implantação das convenções ortográficas de muitos povos indígenas brasileiros. Na sequência, apresentarei o alfabeto ortográfico preliminar eleito pela comunidade, discutindo a relação entre cada som e letra e a tábua de regras para a escrita formulada pelos professores. Para concluir, abordarei a elaboração de material didático visando os primeiros testes para a escrita na língua indígena. Os resultados alcançados até então refletem a ideia de que a participação efetiva dos índios nas decisões sobre a escrita possibilita que a ortografia escolhida tenha um uso real na comunidade. Além da validade pedagógica, a escrita tem também validade política, social, étnica e até estética.

MORFEMAS DESCRITIVOS DE TEMPOS VERBAIS EM HUARIAPANO-PANO

Graziela de Jesus GOMES (PG – IEL/UNICAMP)

(grazielaantonioli@bol.com.br)

Segundo a teoria gramatical tradicional, a classe dos verbos, em termos nocionais, é definida como aquela que abarca palavras que denotam ações, processos, estados ou mudança de estado do sujeito. Em termos estritamente gramaticais, o verbo é definido como a classe de palavras que inclui categorias como gênero, (contudo, há estudiosos que defendem que essa categoria não se aplica aos verbos; sobre casos como o participípio da língua portuguesa, diz-se que a categoria gênero é aplicada somente por se tratar de uma forma nominal) pessoa, número, modo, tempo, aspecto, voz, entre outras. É neste contexto que a presente proposta de comunicação se insere e consiste, basicamente, na aplicação de uma metodologia de análise descritiva, no que diz respeito à formação das categorias de tempo verbais em Huariapano. Para tanto, o foco de nossa análise se refere aos morfemas verbais inerentes ao tempo passado, presente e futuro na

língua em questão. A partir dessa exposição, poderemos também, dentro do possível, alcançar um outro objetivo da comunicação que é mostrar em quais aspectos a língua Huariapano se assemelha com a língua Shipibo-Conibo, já que na literatura consta um parentesco genético muito próximo entre ambos os idiomas. Para tanto, o material lingüístico e os exemplos usados para a realização da pesquisa, juntamente com os textos literários, para a língua Huariapano, são de Manuel Navarro (1903) e de Stephen Parker (1992). Os dados da língua Shipibo são extraídos a partir de Valenzuela (2003).

ALGUNS ASPECTOS DA GRAMÁTICA DA LÍNGUA KINIKINAU (ARUÁK)

Ilda de SOUZA

(hilda.msi@terra.com.br)

Neste trabalho, apresento alguns aspectos da gramática da língua kinikinau, mais especificamente das unidades mínimas significativas que compõem as categorias nome e verbo, mostrando os processos morfológicos operantes. Os verbos recebem morfemas concatenativos e não-concatenativos na marcação de pessoa e número, bem como os nomes, na constituição do caso genitivo. No âmbito das tipologias, o Kinikinau se classifica como uma língua aglutinante, um fator que corrobora sua classificação como língua da família Aruák. Como ocorre com a maioria das línguas aglutinantes, na língua kinikinau o verbo é muito mais aglutinante que o nome. Verbos e nomes podem ser facilmente separáveis, pois a derivação de nomes em verbos, e vice-versa, requer a presença de morfemas visíveis. Os índios Kinikinau são subgrupo Guaná (Chané), como os Terena, com quem se assemelham cultural e lingüisticamente. Durante quase todo o século XX foram confundidos com eles e julgados extintos. Porém, a partir da década de 90, resolveram romper a invisibilidade e exigir da Funai o direito à identidade Kinikinau. Devido ao longo tempo de contato com não índios, a língua Kinikinau foi perdendo seu lugar de língua materna, e hoje se encontra em estágio obsolecente, em acelerado processo de extinção. Apenas 11 indígenas Kinikinau a falam.

OS SEGMENTOS CONSONANTAIS NASAIS EM KRENAK: CARACTERÍSTICAS FONÉTICAS

Kátia N. PESSOA (PG - IEL/ UNICAMP)

(knpessoa@gmail.com)

A língua Krenak é uma língua que contém um sistema nasal bastante rico, característica típica de línguas do tronco Macro-Jê. Nesta língua, portanto, é possível encontramos, além de nasais plenas nos quatro pontos de articulação – bilabial, alveolar, palatal e velar –, segmentos nasalizados que tem sido chamados tradicionalmente de ‘pré-nasalizadas’ e ‘pós-nasalizadas’, o que pode receber outras denominações, sobre as quais pretendemos refletir neste estudo. Por fim, e com um certo destaque, faz-se necessário mencionar ainda a ocorrência, em Krenak, das ‘nasais surdas’, como tem sido identificadas. Neste estudo buscaremos apresentar um perfil descritivo fonético de alguns desses segmentos nasais, a fim de traçar uma série de aspectos que caracterizam tais segmentos e refletir sobre a pertinência ou não de denominá-las como tal para o caso do Krenak. As reflexões são feitas a partir da perspectiva da fonética articulatória, pautadas na representação da co-articulação dos gestos, e tem com base teórica fundamentalmente estudos de Laver (1994) e Ladefoged e Maddieson (1995), sobre estes mesmos fenômenos encontrados em outras línguas do mundo.

ASPECTOS DA ESTRUTURA DE UMA NARRATIVA KAMAIURÁ

Lucy SEKI (IEL/UNICAMP/CNPq)

(lucy.seki@uol.com.br)

Nesta apresentação trazemos alguns resultados de pesquisa em andamento voltada para a investigação de aspectos discursivos da língua kamaiurá (Tupi-Guarani).

Como em outras línguas, há em Kamaiurá diferentes tipos de gêneros e estilos verbais, os quais se distinguem por traços de diversos níveis: fonológico, morfossintático, semântico, lexical e por apresentarem organizações particulares. É nosso objetivo fazer algumas explorações sobre uma narrativa mítica, focalizando o modo em que a mesma é organizada em termos de macroestrutura e dos traços característicos, tanto lingüísticos como paralingüísticos, usados em sua estruturação, situando o texto narrativo em relação a outros tipos de textos

UMA ANÁLISE DESCRITIVA FUNCIONAL DE SENTENÇAS NA LÍNGUA KAINGANG PAULISTA

Maria Sueli RIBEIRO DA SILVA (PG – UNESP/ S. J. Rio Preto)

(mssuribeiro@yahoo.com.br)

Este estudo apresenta uma análise descritiva quanto à estrutura sintática de sentenças da língua kaingang paulista da aldeia Icatu. Apesar de haver outras pesquisas voltadas à parte lexical, fonológica e, também, da sintaxe dessa língua indígena, foi notado, em contato com os professores kaingang, que ainda há dificuldade para se ensinar essa língua às crianças da Escola Indígena de Icatu, devido a divergências de escrita e de uso presentes com outras comunidades kaingang. Por considerar a língua como um instrumento de interação social, com propósitos comunicativos e expressões linguísticas construídas em circunstâncias efetivas de interação verbal, a Gramática Discursivo-Funcional (GDF), de Hengeveld e Mackenzie (2008), foi escolhida para fundamentar esse estudo. Ela introduz quatro níveis de análise independentes e organizados hierarquicamente. Nesse trabalho, foram tratados apenas o nível representacional, que se refere às unidades semânticas, e o nível morfossintático que diz respeito à estrutura de orações, frases e palavras, referindo-se à constituição da estrutura da sentença assim como a ordenação interna dos elementos dentro das palavras. Por meio da análise das glosas de sentenças do kaingang de Icatu, foram verificadas a ordem predominante dessas sentenças e a estrutura dos sintagmas dessa língua nativa, presentes nesse contexto comunicativo.

PROJETO “ESTUDOS SOBRE O LÉXICO DA LÍNGUA AVÁ-CANOEIRO (TUPI-GUARANI): UMA PROPOSTA DE DICIONÁRIO” – PRIMEIROS RESULTADOS

Mônica Veloso BORGES (UFG/FL)

(mvborges8@yahoo.com.br)

Esta pesquisa sobre o léxico do Avá-Canoeiro (Tupi-Guarani), falado por vinte e duas pessoas nos Estados de Goiás e Tocantins, é de extrema urgência para a documentação dessa língua, buscando contribuir para a preservação lingüístico-cultural desse povo, de modo especial no que concerne ao seu conhecimento tradicional sobre fauna, flora e aspectos culturais, como artesanato e músicas de que ainda se recordem. Os objetivos são: a) Documentar o léxico do Avá-Canoeiro, especialmente no que diz respeito à

fauna e à flora da região, mas também aspectos culturais e lingüísticos; b) Publicar ao final da pesquisa um dicionário enciclopédico bilíngüe em Avá-Canoeiro/Português, contendo o conhecimento adquirido, visando a uma maior documentação da língua e possíveis projetos de revitalização lingüístico-cultural; c) Compor um banco de dados lexicais do Avá-Canoeiro, para subsidiar estudos comparativos, especialmente do Subgrupo IV a que pertence essa língua; d) Contribuir na motivação dos Avá-Canoeiro para maior uso e manutenção da língua Avá-Canoeiro. O dicionário a ser produzido será enciclopédico, contendo ilustrações feitas pelos próprios indígenas, tais como diferentes aspectos da cultura Avá-Canoeiro e da flora e da fauna da região. Esse dicionário, que poderá ser usado tanto pelos Avá-Canoeiro quanto por estudiosos de línguas indígenas, especialmente Tupi-Guarani, e pelo público em geral, deverá apresentar inicialmente uma descrição básica da língua, contendo aspectos fonológicos e morfossintáticos, além de aspectos sociolingüísticos, culturais e históricos sobre os Avá-Canoeiro. Nesta comunicação apresentarei os primeiros resultados deste projeto.

ASPECTOS FONOLÓGICOS DA LÍNGUA TAPAJÚNA-GORONÃ

Nayara da Silva CAMARGO (PG – IEL/UNICAMP)
(nayssofia@yahoo.com.br)

A língua Tapajúna-Goronã faz parte do tronco lingüístico Macro-Jê, da família Jê, juntamente com as línguas: Suyá, Mebengôkre (mais conhecida como Kayapó), Timbira, Panará, Xokleng. Segundo os próprios tapajúna a língua é falada pelos tapajúna moradores da aldeia Metyktire (aldeia habitada pelos Mebengôkre) e da aldeia Ngosogo (aldeia habitada pelos índios Suyá). Estas duas aldeias estão localizadas ao Norte do Mato Grosso, sendo fronteiriças com o estado do Pará. O trabalho apresentado mostra alguns aspectos fonológicos da língua Tapajúna-Goronã com a intenção de obter uma descrição preliminar da mesma, já que esta ainda não conta com tal descrição. Até o momento temos alguns resultados da pesquisa a serem apresentados, de acordo com uma análise estruturalista dos dados encontramos 12 fonemas consonantais; 10 vogais orais e 7 vogais nasais. Trata-se de uma língua onde o acento é previsto na penúltima ou na última sílaba. Seu padrão silábico resume-se em CCVC. A descrição fonológica da língua até o momento conta com resultados preliminares, sendo assim esperamos sugestões dos presentes.

PARA ONDE FORAM OS ADJETIVOS EM TENETEHÁRA?

Quesler Fagundes CAMARGOS (G. IC-FALE/UFMG)
(queslerc@yahoo.com.br)
Fábio Bonfim DUARTE (UFMG)
(fbonfim@terra.com.br)

Este trabalho examina o estatuto dos adjetivos em Tenetehára [Tupi-Guarani, Tronco Tupi]. A hipótese que lançamos é a de que essa classe de palavras não se distingue formalmente da classe dos verbos. Esta análise se baseia no fato de que esses itens podem acionar o prefixo relacional de não-contiguidade {i- ∞ h-} para codificar o seu único argumento nuclear, mesmo quando ele figura adjacente ao núcleo deadjetival. Tomando por base este fato, outra hipótese que exploraremos neste artigo é a de que o prefixo relacional {i- ∞ h-}, quando ocorre nos verbos transitivos, intransitivos e deadjetivais, exerce duas funções gramaticais distintas, a saber: codifica o traço [-PESSOA] do argumento e faz referência apenas a argumentos que recebem o papel-theta [-DESENCADEADOR]. Para dar conta do escopo de ocorrência destes prefixos em verbos

que têm como base uma raiz adjetival, adotaremos a proposta de Hale & Keyser (2002), segundo a qual esses verbos são formados a partir da fusão de uma raiz acategorial a um núcleo sintático. Tomando por base esses pressupostos teóricos, nossa proposta é a de que uma determinada raiz verbal pode sim advir de uma raiz adjetival. Neste caso, essa raiz, ao se juntar a um núcleo V^o ganha as propriedades de predicador. Por esta razão, esse predicador pode atribuir o papel-theta de [-DESENCADEADOR] ao seu argumento nuclear e assim tomará os prefixos {i- ∞ h-} para codificar o argumento que carrega o traço sintático [-PESSOA]. Em suma, assumiremos, doravante, que esse argumento equivalerá ao sujeito dos verbos deadjetivais em Tenetehára.

OS ADVÉRBIOS NA LÍNGUA KAINGANG: UMA PROPOSTA DE DESCRIÇÃO

Selvino KÓKÁJ AMARAL (Professor Kaingang da T. I. de Guarita, RS)

(indio.selvino@gmail.com)

Solange Aparecida GONÇALVES (PG – IEL/UNICAMP)

(solangeapg@gmail.com)

Neste trabalho apresentamos uma breve discussão que se divide em duas etapas: na primeira, levanta ocorrências de advérbios no Kaingang buscando uma descrição da gramática de advérbios na língua e; na segunda, trata da ordem dos advérbios na sentença e do papel que desempenham. Para o Português, Ilari et al. (1990) chamam a atenção de que os critérios gramaticais tradicionais são muitas vezes questionáveis ao se delimitar a classe de advérbios que nem sempre se pode considerar homogênea, mas antes, se deve perceber um conjunto de expressões que, segundo os autores, 'funcionam de maneira sensivelmente semelhante'. Em nossa apresentação pretendemos, então, verificar a possibilidade de se estabelecer vínculos entre as proposições para classificação dos advérbios na língua portuguesa e uma discussão dos advérbios na língua Kaingang. Em outras palavras, pretende-se verificar se critérios adotados para a interpretação desta classe em Português são também passíveis de serem utilizados para o Kaingang.

Essa língua indígena que pertence à família Jê, tronco Macro-Jê é falada no Brasil Meridional (de São Paulo ao Rio Grande do Sul) por uma população de cerca de 30 mil pessoas.

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS ADJETIVOS E DOS ADVÉRBIOS DA LÍNGUA PYKOBJÊ-GAVIÃO

Talita Rodrigues da SILVA (PG-USP)

(talita.drigues.silva@gmail.com)

O trabalho que desejamos expor propõe-se a descrever e a analisar duas classes de palavras da língua objeto pykobjê-gavião (Tronco Macro-Jê, família Jê, língua do Complexo Timbira), que é falada por um povo habitante do sul do Maranhão, os Pykobjê ou Gavião do Maranhão (cerca de 540 falantes).

As classes em voga são a dos adjetivos e a dos advérbios, que apresentam bastantes pontos em comum entre si, a começar pelo fato de ambas serem classificadas por Chomsky (1981) como [+Nome, +Verbo] e de haver teorias que as apontam como classes paralelas (cf. Portner, 2005) e, até mesmo, como complementares (cf. Radford, 1988) uma vez que a primeira modifica nomes [+N] e a segunda modifica categorias não nominais [-N]. Contudo, há muitos pontos que são peculiares de cada uma dessas

classes e serão essas peculiaridades que nos dispomos a analisar na língua pykobjê-gavião.

Na classe dos adjetivos, vamos observá-los nas situações sintáticas de adjunção nominal e de núcleo de construções de predicado “não verbal”. E na classe dos advérbios, buscamos rastrear advérbios de quatro tipos semânticos: qualificadores, intensificadores, de lugar e de tempo, além dos dois advérbios de negação em uso no pykobjê, o advérbio “ne:...no:re” e a partícula *portemanteau* (futuro e negação) opcional {wɪr}.

COROADO DA ALDEIA DA PEDRA: ANÁLISE FONOLÓGICA SINCRÔNICA DE UM VOCABULÁRIO MACRO-JÊ DO SÉCULO XIX

Wilmar R. D’Angelis (CELCAM, IEL)

(dangelis@unicamp.br)

O que podemos aprender sobre a fonologia de uma língua Macro-Jê extinta, por uma análise fonológica sincrônica (não-fonêmica!), sobre um vocabulário de cerca de 800 palavras? O exercício feito nessa comunicação pretende sustentar a importância crucial de se olhar para os vocabulários das línguas extintas como matéria prima de interpretação de seus sistemas fonológicos, para que, como tais, sejam cotejados com outros sistemas fonológicos contemporâneos e posteriores. Toma-se, para o exercício, o vocabulário Coroadado da Aldeia da Pedra, com cerca de 800 itens, publicado por C.F.P. von Martius e inserido em seu “Glossaria linguarum Brasiliensium” (1863).



CELCAM
Centro de Estudos de Línguas e Culturas Ameríndias
IEL – Instituto de Estudos da Linguagem